

## Criar a verdade, traduzir o desconhecido: em torno da escrita de Clarice Lispector

**Tomás Brena Sertã**

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da CAPES

<https://lattes.cnpq.br/3167071049028589>

tomas.serta@gmail.com

113

Em uma passagem bastante conhecida de *A paixão segundo G.H.*, a narradora e protagonista caracteriza aquilo que deverá fazer em seu relato, o seu esforço de escrita, como “traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais”, e como “criar a verdade do que me aconteceu” (LISPECTOR, 2020a, p.19). Desafiam-se, assim, as concepções habituais tanto de verdade (entendida usualmente como descoberta, e não criação), quanto de tradução (que pressuporia o conhecimento do “conteúdo” a ser traduzido e das línguas em jogo). Estes são conceitos caros à filosofia – aquele é um tema clássico da disciplina; este vem ganhando relevo na filosofia contemporânea.

É possível remontar essas considerações a outros textos de Clarice. Em uma carta a Fernando Sabino e em sua conferência “Literatura de vanguarda no Brasil”, a autora teceu comentários à obra de João Guimarães Rosa, assinalando que o autor teria, ao criar uma linguagem marcada pela estranheza, promovido um encontro de linguagens – uma tradução –, a partir do qual se revelaria algo da ordem da verdade, algo “tão bem revelado que atinge a altura de uma invenção”. Conforme ela afirma, desafiando a oposição: “[d]escobrir é inventar” (LISPECTOR, 2005, p.107).

O gesto artístico reconhecido em Guimarães Rosa concebe a escrita como a ocasião de introduzir um estranho no familiar, de modo a abalar partições políticas, epistemológicas, ontológicas. Trata-se de um movimento amiúde destacado pela crítica clariceana, e que se deixa ler também pelo signo da tradução. Essa categoria, mencionada por Clarice em alguns textos, permite notar aquilo que Claire Varin designou a “desestabilização de uma língua única, pura” em sua obra (VARIN, 2023, p.30).

Este trabalho pretende mostrar a pertinência de se pensar a escrita de Clarice Lispector como uma forma de tradução. Trata-se de uma estranha tradução do estranho, por meio da qual se franqueia uma verdade –inventada, e não (apenas) descoberta. Para isso, será feito o recurso a algumas obras da autora, bem como de críticos que se voltaram às questões ora trabalhadas.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Tradução. Verdade. Estranho.

### Bibliografia

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Org. Teresa Montero; Lícia Manzo. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020a.

\_\_\_\_\_. *Todas as cartas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020b.

NASCIMENTO, E. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

VARIN, C. *Línguas de fogo*. Tradução de Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Editora Nós, 2023.